

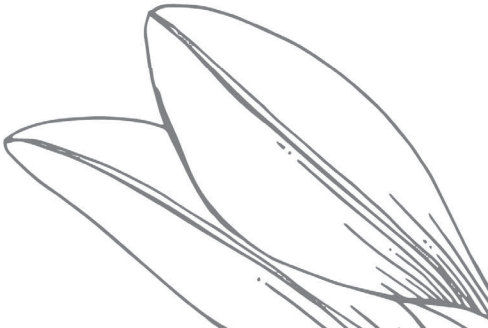
EDIÇÃO ESPECIAL DE COLECIONADOR

**ISTO
ACABA
AQUI
COLLEEN
HOOVER**

TOP
SEL
LER



PARTE UM





CAPÍTULO UM

Aqui sentada, com uma perna de cada lado do parapeito, a olhar para baixo, 12 andares acima das ruas de Boston, não consigo deixar de pensar em suicídio.

Não no *meu*. Gosto da minha vida o suficiente para querer ficar por cá até ao fim.

Penso, sim, nas outras pessoas, e em como elas acabam por tomar a decisão de simplesmente pôr fim às suas vidas. *Será que se arrependem?* Entre o momento em que se deixam ir e o segundo antes do impacto deverá haver nem que seja um ínfimo remorso naquela breve queda livre. Será que olham para o chão à medida que este se aproxima cada vez mais e pensam «Oh, raios, isto não foi uma boa ideia»?

Vá-se lá saber porquê, creio que não.

Penso muitas vezes sobre a morte. Sobretudo hoje, tendo em conta que, ainda há apenas 12 horas, acabei de fazer um dos elogios fúnebres mais épicos a que alguma vez o povo de Plethora, no Maine, terá assistido. Pronto, talvez não tenha sido o mais épico. Poderá, no entanto, perfeitamente ser considerado o mais desastroso. Creio que dependerá da pessoa a quem se perguntar, se à minha mãe, se a mim. *A minha mãe, que talvez não me volte a dirigir a palavra durante um ano inteiro depois do que aconteceu hoje.*

Vejamos se me faço entender; o elogio fúnebre que fiz não foi suficientemente profundo para fazer história, como o que Brooke Shields fez no funeral de Michael Jackson. Ou o que foi feito pela irmã de Steve Jobs. Ou pelo irmão de Pat Tillman. Mas foi épico à sua maneira.

De início, estava nervosa. Afinal de contas, era o funeral do prodigioso Andrew Bloom. O adorado *mayor* de Plethora, a minha terra natal. Dono da mais bem-sucedida agência imobiliária dentro dos limites da cidade.

Marido da muito adorada Jenny Bloom, a mais reverenciada assistente educativa em toda a cidade de Plethora. E pai de Lily Bloom — aquela estranha repariga com o inusitado cabelo ruivo que certa vez se apaixonou por um sem-abrigo, lançando assim o labéu da vergonha sobre toda a sua família.

Essa repariga sou eu. Chamo-me Lily Bloom, e o Andrew era o meu pai.

Assim que acabei de realizar o elogio fúnebre hoje, apanhei um voo direto de regresso a Boston e tomei de assalto o primeiro telhado que consegui encontrar. *Uma vez mais, não o fiz por ter tendências suicidas.* Não tenho a mínima intenção de me atirar deste telhado. Na realidade, só precisava mesmo de apanhar ar fresco e do silêncio, e, raios me partam, a verdade é que não o posso fazer no apartamento onde moro, que fica num terceiro andar sem qualquer acesso ao telhado do prédio. Ainda por cima partilhado com uma companheira que gosta de se ouvir cantar.

No entanto, não levei em consideração o frio que aqui iria estar. Não é insuportável, mas também não é confortável. Ao menos consigo ver as estrelas. Pais mortos, companheiras de quarto exasperantes, e elogios fúnebres questionáveis não parecem assim tão maus quando o céu noturno se apresenta claro o suficiente para literalmente se poder sentir a grandeza do Universo.

Adoro quando o céu me faz sentir insignificante.

Gosto de hoje à noite.

Bem... Deixem-me reformular isto no pretérito, de modo a refletir mais apropriadamente o que sinto.

Gostei desta noite.

No entanto, e infelizmente para mim, a porta acabou de ser aberta com um tal encontrão que quase fico à espera de que as escadas do prédio cuscam um ser humano aqui para o telhado. A porta volta a fechar-se com estrondo, e há passos que avançam apressados através do terraço. Nem sequer me dou ao trabalho de erguer a cabeça. Seja lá quem for, o mais provável é que nem se dê conta da minha presença, escarranchada no parapeito, à esquerda da porta. Se alguém chega aqui de um modo assim apressado, não tenho culpa de que nem se aperceba e presuma que está aqui sozinho.

Suspiro em silêncio, fecho os olhos e encosto a cabeça à parede à qual estou encostada, amaldiçoando o Universo por me negar aquele momento de paz e introspeção. O mínimo que o Universo poderia fazer por mim hoje era certificar-se de que se tratava de uma mulher e não de um homem.

Se é para ter companhia, preferia que fosse feminina. Sou bastante forte para o meu tamanho e provavelmente até sou capaz de me defender na maioria dos casos, mas sinto-me neste momento demasiado confortável para estar sozinha num telhado com um homem desconhecido a meio da noite. Poderei vir a recear pela minha segurança e sentir necessidade de me ir embora, mas na verdade não queria mesmo nada fazê-lo. Como já disse... sinto-me confortável.

Permito por fim que o meu olhar avance até à silhueta que se debruça sobre o parapeito. Má sorte a minha, não há dúvida de que é homem. Mesmo debruçado sobre o anteparo, dá para perceber que é alto. Os ombros largos apresentam-se em forte contraste com o modo frágil como segura a cabeça entre as mãos. Mal consigo distinguir a subida e descida das suas costas à medida que vai realizando profundas inspirações, obrigando em seguida o ar a sair depois de o ter retido no interior.

Parece estar à beira de um colapso. Contemplo a possibilidade de falar para que se aperceba de que tem companhia, ou então aclarar a garganta, mas entre o ato de pensar e o de efetivamente o fazer, este dá meia-volta e desfere um pontapé numa das cadeiras do terraço que tem atrás de si.

Estremeço quando esta atravessa o espaço e produz um chio ao deslizar pelo chão, mas uma vez que nem sequer tem noção de que há gente a assistir, ele não se contenta com um único pontapé. Pontapeia repetidamente a cadeira, uma e outra vez. Ao invés de ceder sob o efeito da força brusca exercida pelo seu pé, tudo o que a cadeira faz é fugir dele, cada vez para mais longe.

Aquela cadeira deve ser feita de um polímero de qualidade militar.

Certa vez, assisti ao meu pai a fazer marcha-atrás e embater numa mesa de exterior feita de um polímero de qualidade militar, e esta só faltou rir-se dele. Fez-lhe uma mossa no para-choques do carro, mas a mesa não ficou sequer com um arranhão.

O tipo acaba por chegar à conclusão de que não está à altura daquele material de elevada qualidade, pois finalmente para de dar pontapés à cadeira. Está agora inclinado sobre ela, apoiando as mãos, com os punhos cerrados, na cintura. Para dizer a verdade, sinto até alguma inveja. Ali está aquele tipo, a descarregar a sua fúria no mobiliário do terraço, qual campeão da agressão. É óbvio que teve um dia merdoso, tal como eu, mas enquanto eu contenho a minha agressão até esta se manifestar sob a forma de um comportamento passivo-agressivo, aquele tipo encontrou ali um escape.

O meu escape costumava ser a jardinagem. Sempre que me sentia stressada, limitava-me a sair para o pátio das traseiras e arrancava toda e qualquer erva daninha que conseguisse encontrar. No entanto, desde que me mudei para Boston, há dois anos, já não tenho qualquer pátio nas traseiras. Nem sequer uma varanda. Nem tão-pouco ervas daninhas.

Talvez eu precise de investir numa cadeira de terraço de qualidade militar.

Fico a olhar para o indivíduo mais uns instantes, a pensar se alguma vez irá voltar a mexer-se. Permanece ali de pé, a fitar a cadeira. Já não tem os punhos cerrados. As mãos repousam agora na cintura, e dou-me então conta de que a camisa lhe está um pouco apertada em redor dos bíceps. De resto, assenta-lhe bem em todo o lado, mas os seus braços parecem enormes. Começa a remexer nos bolsos, até que por fim encontra o que procurava, e então, certamente esforçando-se por libertar ainda mais alguma daquela agressão, acende um charro.

Tenho 23 anos, já passei pela faculdade e uma ou duas vezes cheguei a usar essa droga recreativa. Não vou julgar este tipo por sentir a necessidade de fumar um charro quando está a sós. Mas é precisamente isso; ele *não* está a sós. Só que ainda não sabe disso.

Puxa uma longa passa do seu charro e começa a virar-se, para ficar de frente para o parapeito. Ao expirar, apercebe-se da minha presença. Detém-se no preciso momento em que os nossos olhares se cruzam. Não se demonstra chocado ao ver-me, nem tão-pouco parece minimamente divertido. Encontra-se a cerca de três metros de distância, mas a luz das estrelas é suficiente para perceber que os seus olhos percorrem o meu corpo, sem no entanto revelarem seja o que for. O tipo segura bem o jogo, não revela nadinha. O olhar estreitado e a boca com lábios igualmente apertados parece a versão masculina de *Mona Lisa*.

— Como é que te chamas? — pergunta ele.

Sinto a voz dele no estômago. O que não é bom sinal. As vozes deveriam ficar-se pelos ouvidos, mas por vezes, e na verdade não com muita frequência, uma vez penetra para lá dos ouvidos e reverbera pelo meu corpo. A voz dele é dessas. Profunda, confiante, e um pouco melíflua.

Como não lhe respondo, ele leva de novo o charro à boca e puxa mais uma passa.

— Lily — digo, por fim. *Odeio a minha voz*. A partir de onde me encontro, soa demasiado débil para conseguir sequer alcançar os ouvidos dele, quanto mais reverberar no interior do *seu* corpo.

Ergue um pouco o queixo e faz sinal com a cabeça na minha direção.

— Importas-te de descer daí, Lily?

Só quando ele diz isto é que me dou conta da sua postura. Está agora de pé muito direito, quase rígido. Como se receasse que eu pudesse cair. *Não é o caso*. O parapeito tem pelo menos uns trinta centímetros de largura, e o meu peso pende sobretudo para o lado do terraço. Mesmo que fosse a cair, conseguiria facilmente agarrar-me, para já não falar de que o vento está a meu favor.

Olho para as minhas pernas e em seguida novamente para ele.

— Não, obrigada. Estou bem confortável aqui onde me encontro.

Vira-se ligeiramente de lado, como se não conseguisse encarar-me de frente.

— Desce, por favor. — Trata-se agora mais propriamente de uma ordem, muito embora diga «por favor». — Há aqui sete cadeiras vazias.

— Por pouco que não havia só seis... — retorqui, recordando-o de que acabara de tentar acabar com uma delas. Não reage ao humor implícito na minha resposta. Quando percebe que não vou acatar a sua ordem, dá dois passos em frente.

— Estás a apenas alguns centímetros de uma queda que resultará em morte certa. Já tive disso que chegue por hoje. — Volta a fazer-me sinal para descer dali. — Estás a deixar-me nervoso. Para já não dizer que estás a estragar o gozo que o charro me estava a dar.

Reviro os olhos e passo a perna para o lado de dentro.

— Deus nos livre de que se desperdice um charro. — Salto do parapeito e esfrego as mãos nas calças de ganga para as limpar. — Está melhor assim? — pergunto, enquanto avanço na direção dele.

Deixa escapar o ar através dos lábios, como se o ver-me sentada no parapeito o tivesse obrigado a sustentar a respiração. Passo junto dele para me dirigir ao lado do telhado onde a vista é melhor, e, ao fazê-lo, não consigo deixar de reparar como é lamentavelmente giro.

Não. «Giro» é um insulto.

Este tipo é *lindo*. Mãos bem arrançadas, parece ser endinheirado e vários anos mais velho do que eu. Formam-se-lhe rugas nos cantos dos olhos quando me segue ao passar por ele, e parece franzir os lábios, ainda que não esteja a fazê-lo. Quando chego junto da fachada do prédio que dá para a rua, inclino-me para a frente e olho para os carros lá em baixo, fazendo um esforço por não deixar transparecer a impressão que ele causou em

mim. Só pelo seu corte de cabelo consigo perceber que se trata do tipo de homem pelo qual as pessoas se deixam facilmente impressionar, pelo que me recuso a alimentar-lhe o ego. Não é que tenha feito seja o que for para me levar a pensar que ele é esse tipo de pessoa, mas a verdade é que traz vestida uma camisa *Burberry* de estilo casual, e nem sequer sei se alguma vez estive no radar de alguém que pudesse dar-se ao luxo de comprar uma tal peça de roupa.

Escuto passos que se aproximam, vindos de detrás de mim, e em seguida ele encosta-se ao parapeito, ao meu lado. Pelo canto do olho, vejo-o dar mais uma passa no charro. No final, estende-mo, mas declino a oferta. A última coisa de que preciso é ficar num estado alterado perto deste tipo. A voz dele é, por si só, uma droga. Na verdade, quero ouvi-la de novo, por isso faço-lhe uma pergunta.

— Então, o que é que a cadeira fez para te deixar tão zangado?

Ele olha para mim. Fixa *mesmo* o olhar em mim. Fita-me intensamente, como se o meu rosto deixasse transparecer todos os segredos que guardo. Nunca vi olhos tão sombrios como os dele. Se calhar até já vi, mas talvez pareçam mais sombrios por estarem associados a uma presença tão intimidante. Não responde à pergunta, e a verdade é que a minha curiosidade não se contenta assim com tão pouco. Tendo-me forçado a descer de um parapeito onde me sentia tão tranquila e confortável, é apenas justo que me entretenha, respondendo às perguntas indiscretas que lhe faço.

— Foi uma mulher? — indago. — Partiu-te o coração?

Ele ri-se ao ouvir a pergunta.

— Quem me dera que os meus problemas fossem tão triviais como uma questão amorosa. — Encosta-se à parede para ficar de frente para mim. — Em que andar é que vives? — Humedece os dedos e belisca a ponta do charro, apagando-o. A seguir, guarda-o no bolso. — Acho que nunca tinha reparado em ti.

— Isso é porque não moro aqui. — Aponto na direção do meu apartamento. — Estás a ver o prédio daquela seguradora?

Ele semicerra os olhos e segue a direção que o meu dedo indica.

— Estou.

— Vivo no prédio ao lado. É demasiado baixo para se ver daqui. Tem apenas três andares.

Está de novo virado para mim, de cotovelo apoiado no parapeito.

— Se moras ali, que fazes tu aqui? O teu namorado mora aqui ou assim?

Esta última pergunta dele faz-me sentir reles, de certo modo. É uma frase de engate demasiado fácil, própria de um amador. Pelo aspeto deste tipo, sei que as suas competências irão para além daquilo, e isso leva-me a pensar que guarda as frases de engate mais elaboradas para as mulheres que considera merecedoras.

— O vosso telhado é agradável — respondo.

Ele arqueia uma sobrancelha, à espera de uma explicação melhor.

— Queria apanhar ar fresco. Um lugar para pensar. Fui ao *Google Earth* e procurei o edifício mais próximo com um pátio decente na cobertura.

Olha para mim e sorri.

— Ao menos, és uma rapariga poupada — comenta. — É uma boa qualidade.

Ao menos?

Concordo com um aceno de cabeça, porque *sou* poupada. É uma boa qualidade, de facto.

— Porque precisavas de ar fresco? — inquire ele.

Porque o meu pai foi hoje a enterrar, porque lhe fiz um elogio fúnebre que foi um desastre de proporções épicas e porque agora me sinto como se não conseguisse respirar.

Viro-me de novo para a frente e expiro devagarinho.

— Importas-te que não falemos por um bocadinho?

Parece ficar um pouco aliviado com o meu pedido de silêncio. Inclina-se por cima do parapeito e deixa pender um braço ao mesmo tempo que contempla a rua lá em baixo. Mantém-se assim durante alguns momentos e eu olho-o fixamente todo esse tempo. O mais certo é que esteja a dar-se conta disso, mas parece não se importar com o facto.

— Houve um tipo que caiu deste telhado no mês passado — diz ele.

Devia ficar irritada com a falta de respeito que revela pelo meu pedido de silêncio, mas a verdade é que a declaração dele me deixa intrigada.

— Foi um acidente?

Ele encolhe os ombros.

— Ninguém sabe. Aconteceu ao final do dia. A mulher dele contou que estava a fazer o jantar e que ele lhe disse que vinha aqui acima tirar umas fotos ao pôr do sol. Era fotógrafo. Acham que ele se inclinou por cima do parapeito para fotografar a linha do horizonte e que escorregou.

Espreito por cima do parapeito, interrogando-me, incrédula, como é que alguém poderia colocar-se numa situação em que pudesse cair

acidentalmente, mas depois recordo-me de que, ainda há uns minutos, estava escarranchada no parapeito do outro lado do telhado.

— Quando a minha irmã me contou o que aconteceu, a única coisa em que pensei foi se ele conseguira ou não fazer a foto. Esperava que a máquina não tivesse caído com ele, pois teria sido um enorme desperdício, entendes? Uma pessoa morrer por causa do seu amor pela fotografia e não conseguir sequer tirar a foto que lhe custou a vida...

O pensamento dele faz-me rir. No entanto, não sei se deveria.

— Dizes sempre o que te vai na cabeça?

Ele torna a encolher os ombros.

— Não o faço com a maioria das pessoas.

Sorrio ao ouvir a resposta. Gosto do facto de ele nem sequer me conhecer, mas, por algum motivo, não me considero «a maioria das pessoas».

Ele encosta-se ao parapeito e cruza os braços à frente do peito.

— Nasceste aqui?

Abano a cabeça.

— Não. Depois da universidade, mudei-me do Maine para aqui.

Ele torce o nariz, e não deixa de ser sensual observar este tipo, com a sua camisa *Burberry* e o corte de cabelo de 200 dólares, fazer caretas.

— Então, vieste parar ao purgatório de Boston, hein? Grande chatice, sem dúvida.

— Como assim? — pergunto.

Um dos cantos da sua boca curva-se para cima.

— Os turistas tratam-te como se fosses de cá; os de cá tratam-te como uma turista.

Solto uma gargalhada.

— Uau, essa descrição é bastante precisa e acertada.

— Eu estou cá há dois meses. Ainda nem sequer estou no purgatório, por isso, estás a sair-te melhor do que eu.

— O que te trouxe a Boston?

— O meu internato. E o facto de a minha irmã viver cá. — Bate com a ponta do pé no chão e diz: — Mesmo por baixo de nós, na verdade. Casou com um bostoniano que é um entendido em computadores e tecnologia, e compraram todo o andar superior.

Olho para o chão.

— O andar superior *todo*?

Ele responde que sim com um aceno de cabeça.

— O canalha sortudo trabalha a partir de casa. Nem sequer precisa de despir o pijama e ganha um ordenado anual de sete dígitos.

Canalha sortudo, realmente.

— Que tipo de internato? És médico?

— Neurocirurgião. Falta-me menos de um ano para terminar o internato e depois é oficial.

Estiloso, bem-falante e inteligente. *E fuma erva*. Se isto fosse uma pergunta de um teste para acesso à universidade, estaria a interrogar-me qual destas características não pertencia ao sujeito.

— Um médico deveria fumar erva?

Ele faz outra careta.

— Provavelmente não, mas se não satisfizéssemos um capricho ou outro de vez em quando, posso afiançar-te que haveria muitos mais médicos a saltar destes parapeitos.

Está novamente voltado para a frente, com o queixo apoiado nos braços. Tem os olhos fechados, como se estivesse a desfrutar do vento contra a cara. Visto assim, não tem um ar tão intimidante.

— Queres saber uma coisa que só as pessoas de cá sabem?

— Claro — diz ele, devolvendo-me a sua atenção.

Aponto para leste.

— Estás a ver aquele prédio? O do telhado verde?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Há um edifício por trás dele, em Melcher Street. E no cimo desse edifício fica uma casa. Uma casa mesmo, verdadeira, construída na cobertura do prédio. Não se consegue vê-la a partir da rua, porque o edifício é muito alto, e pouca gente sabe da sua existência.

Ele faz um ar impressionado.

— A sério?

Respondo que sim, acenando com a cabeça.

— Deparei-me com a casa quando estava a investigar no *Google Earth*. Depois fiz uma pequena pesquisa e descobri que a licença de construção foi emitida em 1982. Não seria espetacular viver numa casa no cimo de um prédio?

— Terias o telhado todo para ti — realça ele.

Não tinha pensado nisso. Se a casa fosse minha, podia ter um jardim ou uma horta lá em cima. Teria um escape.

— Quem é que lá mora? — pergunta ele.

— Ninguém sabe muito bem. É um dos grandes mistérios de Boston. Ele ri e olha para mim de sobranceiras franzidas, indagando:

— Que outros mistérios nos reserva Boston?

— O teu nome. — Assim que a resposta me sai pela boca, esbofeteio a testa. Soa tanto a uma frase de engate foleira que só me resta rir de mim mesma.

Ele sorri.

— É Ryle — diz. — Ryle Kincaid.

Suspiro, encurvando as costas.

— É um nome espetacular.

— E porque dizes isso com um tom triste?

— Porque eu daria qualquer coisa por um nome assim.

— Não gostas do nome Lily?

Inclino a cabeça para o lado e arqueio uma sobrancelha.

— O meu apelido é... Bloom¹.

Ele fica em silêncio. Percebo que está a tentar reprimir a pena que sente de mim.

— Eu sei. É horrível. É o nome de uma menina de 2 anos, não de uma mulher de 23.

— Uma menina de 2 anos terá o mesmo nome para o resto da vida, por mais velha que vá ficando. Os nomes não são uma coisa que deixemos para trás com o avançar da idade, Lily Bloom.

— Infelizmente para mim — remato. — Mas o que torna tudo ainda pior é o facto de a minha paixão ser a jardinagem. Adoro flores, plantas. Fazer crescer coisas. O meu sonho sempre foi abrir uma florista, mas receio que, se o fizesse, as pessoas achariam que o meu desejo não era genuíno. Iriam pensar que estava apenas a tentar tirar partido do meu nome e que ser florista não era verdadeiramente o meu emprego de sonho.

— É bem possível — diz ele. — Mas que importa isso?

— Não importa, suponho. — Dou por mim a sussurrar: — *Lily Bloom's...* — Vejo-o esboçar um pequeno sorriso. — É de facto um ótimo nome para uma florista, mas eu tenho um mestrado em gestão. Estaria a passar de cavalo para burro, não te parece? Trabalho para a maior empresa de marketing de Boston.

¹ «Lily» é a palavra inglesa para lírio e «bloom» quer dizer «rebento», ou «florescência». Logo, o nome de Lily podia traduzir-se por «rebento de lírio». [N. T.]

— Ter um negócio próprio não é passar de cavalo para burro — afirma ele.

Franzo a testa.

— A menos que seja um fiasco.

Ele acena com a cabeça, em jeito de concordância.

— A menos que seja um fiasco — repete. — E qual é o teu nome do meio, Lily Bloom?

Gemo, o que o faz arrebatar as orelhas.

— Não me digas que a coisa piora?

Escondo a cara nas mãos e aceno com a cabeça.

— Rose?

Abano a cabeça.

— Pior do que isso.

— Violet?

— Quem me dera. — Encolho-me e murmuro: — Blossom.

Segue-se um momento de silêncio, e depois:

— Caramba! — exclama ele, em voz baixa.

— Pois. Blossom é o apelido de solteira da minha mãe e os meus pais sempre acreditaram que era obra do destino que os seus apelidos fossem sinónimos. Por isso, quando me tiveram, é claro que o nome de uma flor foi a primeira escolha deles.

— Os teus pais devem ser uns verdadeiros parvalhões.

Um deles é. *Era*.

— O meu pai morreu esta semana.

Ele olha de esguelha para mim.

— Boa tentativa. Não vou cair nessa.

— Estou a falar a sério. Foi por isso que vim até aqui. Acho que estava a precisar de chorar.

Ele olha-me com desconfiança durante um momento para se assegurar de que não estou a pregar-lhe uma partida. Não pede desculpa pela gafe. Em vez disso, o seu olhar torna-se um pouco mais curioso, como se o seu interesse fosse genuíno.

— Eram muito chegados?

É uma pergunta difícil. Apoio o queixo nos braços e contemplo de novo a rua.

— Não sei — respondo, ao mesmo tempo que encolho os ombros. — Como filha, amava-o, mas como ser humano, odiava-o.

Sinto os olhos dele cravados em mim por um momento, e depois ele diz:
— Gosto disso. Da tua sinceridade.

Ele aprecia a minha sinceridade. Sou bem capaz de estar a corar.

Ficamos ambos em silêncio durante um bocado e depois ele pergunta:

— Nunca desejava que as pessoas fossem mais transparentes?

— Como assim?

Com a unha do polegar faz soltar uma lasca de estuque e sacode-a por cima do parapeito.

— Sinto que toda a gente finge ser algo diferente do que na verdade é, quando no fundo somos todos uma mistura de trapalhadas e fracassos. Alguns têm é mais jeito do que os outros para a esconder.

Ou o efeito da erva está a bater ou ele é apenas muito introspetivo. Seja como for, por mim tudo bem. As minhas conversas preferidas são aquelas em que não há respostas absolutas.

— Não me parece que ser-se um pouco reservado seja uma coisa negativa — argumento. — As verdades nuas e cruas nem sempre são agradáveis. — Olha-me fixamente por um momento.

— Verdades nuas e cruas — repete ele. — Gosto disso.

Dá meia-volta e avança até ao centro do telhado. Ajusta o encosto de uma das espreguiçadeiras que se encontra atrás de mim e recosta-se nela. Coloca as mãos entrelaçadas atrás da cabeça e contempla o céu. Tomo conta da espreguiçadeira que está ao lado dele e componho-lhe o espaldar até ficar na mesma posição que a dele.

— Diz-me uma verdade nua e crua, Lily.

— Relacionada com o quê?

Ele encolhe os ombros.

— Não sei. Qualquer coisa de que não te orgulhes. Algo que me faça sentir um pouco menos confuso e lixado por dentro.

Ele observa o céu, à espera de que eu responda. Sigo, com o olhar, a linha do seu maxilar, a curva das maçãs do rosto, o contorno dos lábios. Tem as sobrancelhas unidas, em contemplação. Não percebo porquê, mas fico com a sensação de que, naquele momento, ele necessita de conversar. Penso no pedido dele e tento encontrar uma resposta sincera. Quando me ocorre uma, desvio os olhos dele e fixo-os também no céu.

— O meu pai era violento, um agressor. Não comigo, mas com a minha mãe. Encolerizava-se de tal modo quando discutiam que, por vezes, agredia-a. Quando isso acontecia, passava a semana seguinte a tentar

compensá-la pelo que fizera. Comprava-lhe flores, levava-a a jantar a bons restaurantes. Ocasionalmente, também me comprava presentes, porque sabia que eu detestava que eles se comportassem daquela maneira. Quando era miúda, dava por mim a ansiar pelas noites em que discutiam, pois sabia que, se ele lhe batesse, as duas semanas seguintes iriam ser maravilhosas. — Faça uma pausa. Estou em crer que nunca admiti isto a mim mesma. — É claro que, se pudesse, teria feito de modo que ele nunca lhe tocasse, mas as agressões eram inevitáveis no casamento que eles tinham, e acabaram por tornar-se norma na nossa família. Quando cresci, dei-me conta de que o facto de nada ter feito em relação ao assunto me tornava cúmplice de tudo aquilo, me tornava igualmente culpada pelo que acontecia. Passei a maior parte da minha vida a odiá-lo por ser tão má pessoa, mas não sei se serei muito melhor do que ele. Talvez sejamos ambos más pessoas.

O Ryle vira a cabeça e olha-me com uma expressão pensativa.

— Lily — diz ele, num tom contundente. — Não existem más pessoas. Somos todos apenas pessoas que, por vezes, fazem coisas más.

Abro a boca para reagir, mas as palavras dele reduzem-me ao silêncio. *Somos todos apenas pessoas que, por vezes, fazem coisas más.* Suponho que seja verdade, de certa forma. Ninguém é exclusivamente mau, tal como não existe ninguém que seja exclusivamente bom. Algumas pessoas veem-se é obrigadas a esforçar-se mais para reprimir a parte má.

— É a tua vez — desafio-o.

Com base na reação dele, fico com a sensação de que talvez não queira jogar o seu próprio jogo. Suspira audivelmente e passa a mão pelo cabelo. Abre a boca para falar e fecha-a de novo. Pensa por um momento e pronuncia-se, por fim.

— Assisti à morte de um rapazinho esta noite — declara ele, com desânimo. — Tinha 5 anos. Ele e o irmão mais novo encontraram uma arma no quarto dos pais. O irmão tinha-a na mão e a arma disparou acidentalmente.

O meu estômago revira-se. Talvez seja um pouco mais de verdade nua e crua do que eu estou preparada para aguentar.

— Já não havia nada a fazer quando ele chegou à mesa de operações. Toda a gente no bloco operatório, enfermeiras e outros médicos, se apiedou da família. «Pobres pais», diziam. Mas quando eu tive de ir à sala de espera dizer àqueles pais que o seu filho não tinha sobrevivido, não senti nem uma réstia de pena deles. Queria que sofressem. Queria que sentissem o peso da sua ignorância por terem uma arma carregada ao alcance de duas

crianças inocentes. Queria que soubessem que não só tinham acabado de perder um filho como haviam arruinado a vida daquele que apertara o gatilho sem querer.

Meu Deus. Não estava à espera de uma coisa tão dura.

Não sou sequer capaz de imaginar de que maneira uma família ultrapassa uma situação assim.

— Pobre do irmão mais novo — digo. — Nem quero pensar no que isto lhe irá fazer... ter presenciado uma coisa assim.

Com um piparote, o Ryle sacode qualquer coisa de um dos joelhos das calças de ganga.

— Vai destruí-lo para o resto da vida, é o que fará.

Viro-me de lado para conseguir ficar de frente para ele.

— É difícil? Ver coisas assim todos os dias?

Ele sacode a cabeça, quase impercetivelmente.

— Devia ser muito mais difícil, mas quanto mais presencio a morte, mais ela se torna simplesmente parte da vida. Não sei bem o que sinto em relação a isso. — Olha-me nos olhos de novo. — Diz-me outra — pede ele. — Parece-me que a minha foi um pouco mais perversa do que a tua.

Discordo, mas conto-lhe a coisa perversa que fiz há meras 12 horas.

— Há dois dias, a minha mãe pediu-me que fizesse o elogio fúnebre do meu pai, hoje no funeral. Disse-lhe que não me sentia confortável com isso, que desataria a chorar e que não iria ser capaz de falar em frente a todas aquelas pessoas. Mas era mentira; não queria fazê-lo porque acho que os elogios fúnebres devem ser feitos por quem respeitava o falecido. E eu não respeitava lá muito o meu pai.

— E acabaste por fazer o elogio?

— Sim. Esta manhã. — Desencosto-me e puxo as pernas para baixo do corpo, mantendo-me de frente para ele. — Queres ouvi-lo?

Ele sorri.

— Com certeza.

Entrelaço as mãos sobre o colo e inspiro profundamente.

— Não fazia ideia do que havia de dizer. Cerca de uma hora antes do funeral, disse à minha mãe que mudara de ideias. Ela argumentou que não era nenhum bicho de sete cabeças e que o meu pai haveria de gostar que eu dissesse algumas palavras. Sugeriu que me dirigisse às pessoas ali presentes e dissesse cinco coisas boas sobre o meu pai. E... foi precisamente o que fiz.

O Ryle endireita-se na espreguiçadeira, parecendo ainda mais interessado no meu relato. Percebe pela minha expressão que a coisa não correu bem.

— Oh, não, Lily. Que foi que fizeste?

— Vou recriar a cena para tu veres. — Levanto-me e contorno a cadeira. Ponho-me muito direita e imagino que tenho à minha frente a mesma multidão de pessoas que enfrentei naquela manhã. Aclaro a voz.

— Olá. O meu nome é Lily Bloom e sou filha do falecido Andrew Bloom. Agradeço a todos a vossa presença aqui numa altura em que choramos a sua perda. Queria aproveitar este momento para homenagear a vida do meu pai, partilhando convosco cinco coisas boas sobre ele. A primeira...

— Olho para o Ryle e encolho os ombros. — E foi isto.

Ele franze as sobrancelhas.

— Como assim?

Sento-me na minha espreguiçadeira e recosto-me.

— Mantive-me ali de pé durante uns bons dois minutos sem dizer uma única palavra. Não me ocorreu uma única coisa boa para dizer acerca daquele homem, por isso, limitei-me a olhar fixamente e em silêncio a assistência, até que a minha mãe percebeu o que eu estava a fazer e mandou o meu tio ir tirar-me dali.

O Ryle inclina a cabeça para um dos lados.

— Estás a gozar comigo? Fizeste um antielogio fúnebre no funeral do teu próprio pai?

Respondo que sim, acenando com a cabeça.

— Não me orgulho disso. *Acho*. Quer dizer, se dependesse de mim, ele teria sido uma pessoa muito melhor e eu teria falado durante uma hora.

O Ryle torna a recostar-se.

— Uau! — exclama ele, abanando a cabeça. — És a minha heroína. Acabaste de cuspir num morto.

— Isso foi um bocado de mau gosto.

— Pois foi. Bem, as verdades nuas e cruas doem.

Dou uma gargalhada.

— É a tua vez.

— Não consigo suplantar isso — alega ele.

— Tenho a certeza de que consegues chegar muito perto.

— Não me parece.

Reviro os olhos.

— É claro que consegues. Não me faças sentir que, de nós dois, eu sou a pior. Diz-me o mais recente pensamento que tiveste e que a maioria das pessoas não contaria em voz alta.

Ele coloca as mãos a amparar a nuca e olha-me diretamente nos olhos.

— Quero foder-te.

Cai-me o queixo, mas fecho de imediato a boca.

Acho que fiquei sem palavras.

Ele lança-me um olhar inocente.

— Pediste-me o pensamento mais recente, e foi isso mesmo que te dei... Tu és linda. Eu sou homem. Se fosses de relações casuais, levava-te lá abaixo ao meu quarto e fodia-te.

Não consigo sequer olhar para ele. Aquela declaração faz-me sentir uma enorme quantidade de coisas ao mesmo tempo.

— Bem, não sou de relações de uma só noite.

— Foi o que me pareceu — diz ele. — É a tua vez.

Mostra-se tão indiferente que é como se não tivesse acabado de me deixar atordoada e muda.

— Depois dessa, preciso de um minuto para me recompor — respondo, com uma risada.

Tento pensar em qualquer coisa minimamente chocante, mas não consigo ultrapassar o facto de ele ter acabado de dizer aquilo. Em voz alta. Talvez por ele ser um neurocirurgião e nunca me ter passado pela cabeça que uma pessoa tão instruída dissesse a palavra «foder» com tamanha despreocupação. Recomponho-me... um pouco... e digo:

— OK. Uma vez que abordaste o assunto... O primeiro tipo com que dormi era um sem-abrigo.

Ele anima-se e vira-se para mim.

— Oh, vou querer que me contes mais pormenores dessa história.

Estico o braço e apoio a cabeça nele.

— Cresci no Maine. Vivíamos numa zona bastante boa, mas a rua por trás da nossa casa não estava nas melhores condições. O nosso quintal das traseiras confinava com uma casa devoluta, adjacente a dois lotes abandonados. Tornei-me amiga de um sujeito chamado Atlas que vivia na casa devoluta. Além de mim, mais ninguém sabia que ele lá vivia. Costumava levar-lhe comida, roupa e outras coisas. Até que o meu pai descobriu.

— Que fez ele?

Cerro os maxilares. Não entendo porque fui desenterrar esta história, quando ainda me forço a não pensar nela diariamente.

— Deu-lhe uma tarefa. — Em relação a este assunto, não quero mais nudez e cruzeza. — É a tua vez.

Ele olha-me em silêncio por um momento, como se soubesse que a minha história tem mais algumas reviravoltas, mas depois desvia o olhar.

— A ideia de casamento causa-me repulsa — confessa ele. — Tenho quase 30 anos e não sinto qualquer desejo de arranjar uma esposa. E, *sobretudo*, não quero ter filhos. A única coisa que quero da vida é sucesso. Montes dele. Contudo, se admito isso em voz alta a alguém, corro o risco de soar arrogante.

— Sucesso profissional? Ou estatuto social?

— Ambos — diz ele. — Qualquer pessoa pode ter filhos. Qualquer pessoa pode casar, mas nem toda a gente pode ser neurocirurgião. E isso é algo de que me orgulho. Não almejo simplesmente ser um bom neurocirurgião; quero ser o melhor na minha área.

— Tens razão. De facto, isso faz com que soes arrogante.

Ele sorri.

— A minha mãe receia que eu esteja a desperdiçar a minha vida, porque a única coisa que faço é trabalhar.

— És neurocirurgião e a tua mãe está *desiludida* contigo? — Solto uma gargalhada. — Meu Deus, isso é de loucos. Alguma vez os pais estão verdadeiramente satisfeitos com os filhos? Alguma vez os filhos serão bons o suficiente?

Ele abana a cabeça.

— Os meus filhos não seriam. Poucas pessoas têm uma determinação como a minha, por isso estariam à partida condenados ao fracasso. É por esse motivo que nunca terei filhos.

— Acho sinceramente que é uma atitude respeitável da tua parte, Ryle. Muitas pessoas recusam-se a admitir que poderão ser demasiado egoístas para ter filhos.

Ele abana a cabeça.

— Eu sou *decididamente* demasiado egoísta para ter filhos. E também para me envolver num relacionamento com quem quer que seja.

— E como é que evitas isso? Não namoras, simplesmente?

Ele olha-me de soslaio e reparo que tem um pequeno sorriso nos lábios.

— Quando tenho tempo, há raparigas que satisfazem esse tipo de necessidades. Não sinto falta de nada nesse departamento, se é essa a tua pergunta.

Mas o amor nunca me cativou. Sempre foi mais um fardo do que qualquer outra coisa.

Quem me dera encarar o amor dessa forma. Tornaria a minha vida muito mais simples.

— Invejo-te. Eu cá acredito que, algures, existe um homem perfeito para mim. Tendo a aborrecer-me com facilidade, porque ninguém cumpre os meus requisitos. Sinto que estou numa demanda infinita pelo Santo Graal.

— Devias experimentar o meu método — sugere ele.

— E que método é esse?

— Relações de uma só noite. — Arqueia uma sobrancelha, como se fosse um convite.

Ainda bem que está escuro, pois tenho as faces em brasa.

— Jamais conseguiria dormir com alguém sabendo que não daria em nada. — Pronuncio esta frase em voz alta, mas as minhas palavras carecem de convicção.

Ele inspira lentamente e rebola sobre si mesmo, até ficar de costas.

— Não és esse tipo de rapariga, não és? — Di-lo com um vestígio de desapontamento na voz.

Sinto também uma espécie de desapontamento. Não sei sequer se o rejeitaria, caso ele fizesse algum avanço, mas sou bem capaz de ter arruinado essa possibilidade.

— Se não conseguirias *dormir* com alguém que acabaste de conhecer... — O olhar dele volta a cruzar-se com o meu. — Exatamente até onde é que irias?

Não tenho resposta para aquela pergunta. Viro-me de costas, porque o modo como ele me olha dá-me vontade de repensar aquilo que penso sobre as relações casuais. Suponho que não tenho necessariamente nada contra elas. Só nunca recebi uma proposta nesse sentido de alguém com quem sequer considerasse tê-las.

Até agora. *Acho eu*. Mas estará ele sequer a fazer-me uma proposta? Sempre fui péssima em *flirts*.

Estende a mão e agarra a borda da minha espreguiçadeira. Com um movimento rápido e um esforço mínimo, arrasta-a para junto de si até esta embater na sua.

Todo o meu corpo estremece. Está agora tão próximo de mim que consigo sentir o calor da sua respiração que atravessa o ar frio. Se calhasse de olhar para ele, a sua cara estaria apenas a alguns centímetros da minha. Recuso-me a fazê-lo, pois provavelmente aproveitaria para me beijar

e nada sei a seu respeito, além de umas quantas verdades nuas e cruas. No entanto, nada disso me apoquentava minimamente quando ele pousa a sua mão pesada sobre a minha barriga.

— Até onde é que irias, Lily? — A sua voz soa decadente. Suave. Viaja dos meus ouvidos diretamente até às pontas dos pés.

— Não sei — respondo com um sussurro.

Os seus dedos começam a avançar até à bainha da minha blusa. Ele começa a fazê-la subir até uma nesga da minha barriga ficar exposta.

— Oh, meu Deus — murmuro, ao sentir o calor da sua mão à medida que a vai fazendo deslizar sobre a minha barriga.

Apesar de saber que não devia, olho de novo para ele, e o seu olhar cativa-me por completo. Tem um ar esperançado e ávido, além de bastante confiante. Aperta o lábio inferior entre os dentes enquanto a sua mão vai subindo por debaixo da minha blusa. Sei bem que ele é capaz de sentir o meu coração a bater com força no peito. Bem, se calhar até é capaz de o *ouvir* bater.

— Isto já é longe demais? — pergunta.

Não sei de onde é que saiu esta minha faceta, mas abano a cabeça e respondo:

— Não, nem nada que se pareça.

Enquanto esboça um sorriso, os seus dedos tocam ao de leve na parte inferior do meu soutien, fazendo com que calafrios se espalhem e infiltrem na minha pele.

Assim que as minhas pálpebras se cerram, o som penetrante de uma campainha preenche o ar. A mão dele retesa-se quando ambos nos apercebemos de que se trata de um telefone. O telefone *dele*.

Deixa cair a testa sobre o meu ombro.

— Raios o partam!

Franzo o sobrolho quando a mão dele se esgueira para fora da minha blusa. Remexe no bolso em busca do telefone, erguendo-se e afastando-se vários metros para atender a chamada.

— Dr. Kincaid — declara. Escuta com atenção, com a mão a agarrar a parte de trás do pescoço. — E o Roberts? Nem sequer é suposto eu estar de prevenção neste momento. — Mais um momento de silêncio, a que se segue: — Sim, deem-me dez minutos. Estou a caminho.

Termina a chamada e volta a guardar o telefone no bolso. Quando se vira para me encarar, tem um ar um pouco desapontado. Estica a mão na direção da porta que dá acesso às escadas.

— Tenho de...

Aceno com a cabeça.

— Eu entendo.

Observa-me durante uns instantes e depois levanta um dedo.

— Não te mexas — diz ele, voltando a pegar no telefone. Aproxima-se de mim e segura no telefone como se estivesse prestes a tirar-me uma fotografia. Por momentos, ocorre-me impedi-lo, nem sei bem porquê. Estou totalmente vestida. Seja lá por que razão for, não é assim que me sinto.

Tira uma fotografia de mim deitada na espreguiçadeira, com os braços cruzados acima da cabeça. Não faço ideia do que planeia fazer com a fotografia, mas agrada-me o facto de a ter tirado. Agrada-me a ideia de ter sentido a necessidade de recordar qual o meu aspeto, mesmo sabendo que jamais voltará a ver-me.

Olha atentamente durante alguns segundos para a imagem no ecrã e sorri. Quase me sinto tentada a tirar-lhe uma fotografia a ele, mas não tenho a certeza de querer uma recordação de alguém que jamais voltarei a ver. É uma ideia um pouco deprimente.

— Foi um prazer conhecer-te, Lily Bloom. Espero que contraries as probabilidades da maioria dos sonhos, e na verdade consigas cumprir os teus.

Sorrio, tão entristecida quanto confundida por aquele tipo. Não me parece que alguma vez tenha estado com alguém como ele, com um estilo de vida e um escalão de imposto sobre o rendimento completamente diferente. E provavelmente não voltarei a estar. É, no entanto, uma surpresa agradável, constatar que não somos assim tão diferentes.

Confirma-se o equívoco.

Olha para baixo, para o chão, durante uns instantes, adotando uma postura algo insegura. É como se estivesse dividido entre o desejo de me dizer mais alguma coisa e a necessidade de se ir embora. Olha de relance para mim uma vez mais; desta feita nem sequer adota uma expressão impenetrável. Constato o desapontamento na expressão da boca dele antes de se virar e começar a caminhar na outra direção. Abre a porta e ouço os seus passos a afastarem-se à medida que vai descendo as escadas apressadamente. Estou novamente sozinha no telhado, mas para minha surpresa, essa ideia deixa-me agora um pouco entristecida.



CAPÍTULO DOIS

A Lucy — a rapariga com quem partilho a casa e que adora ouvir-se cantar — anda apressadamente de um lado para o outro da sala de estar, reúne as chaves, os sapatos, os óculos de sol. Estou sentada no sofá, a abrir caixas de sapatos repletas com alguns dos meus pertences, coisas velhas, de quando vivia com os meus pais. Reuni-as quando estive em casa esta semana para o funeral do meu pai.

— Vais trabalhar hoje? — pergunta a Lucy.

— Não. Estou de licença até segunda-feira.

Detém-se nesse mesmo instante.

— Segunda-feira? — pergunta com um tom trocista. — Sortuda.

— Pois é, Lucy. Sou *mesmo* sortuda por o meu pai ter morrido. — Digo-o com uma intenção sarcástica, claro, mas estremeço ao dar-me conta de que o efeito não é assim tão sarcástico.

— Tu percebes o que quero dizer — resmunga ela. Agarra na mala enquanto se equilibra num só pé e tenta enfiar o outro no sapato. — Hoje não venho dormir. Fico em casa do Alex.

Ao sair, deixa bater a porta.

À primeira vista temos muita coisa em comum, mas além de vestirmos o mesmo número de roupa, de termos a mesma idade e de termos ambas nomes próprios com quatro letras que começam com um *L* e terminam com um *Y*, não há nada que faça com que sejamos muitos mais do que apenas duas raparigas que partilham uma casa. No entanto, isso não me causa qualquer problema. Se não pensarmos no facto de se pôr a cantar de modo incessante, ela é perfeitamente tolerável. É asseada e é frequente estar fora de casa. Duas das qualidades mais importantes em alguém com quem se partilha uma casa.

Estou a tirar a tampa que cobre uma das caixas de sapatos quando o meu telemóvel toca. Estendo o braço por cima do sofá para o alcançar. Quando vejo que é a minha mãe, pressiono a cara contra uma pequena almofada em cima do sofá e finjo que estou a chorar.

Levo o telefone ao ouvido.

— Estou?

Seguem-se três segundos de silêncio, e depois:

— Olá, Lily.

Suspiro e recosto-me no sofá.

— Olá, mãe. — Fico realmente surpreendida por ela estar a falar comigo. Passou-se apenas um dia desde o funeral. Está a ligar 364 dias mais cedo do que eu julgava que iria acontecer. — Como estás? — pergunto.

Solta um suspiro com grande efeito dramático.

— Estou bem — responde ela. — A tua tia e o teu tio regressaram ao Nebraska esta manhã. Vai ser a minha primeira noite sozinha desde que...

— Vai tudo correr bem, mãe — digo-lhe eu, tentando soar confiante.

Mantém-se em silêncio durante demasiado tempo, até que por fim diz:

— Lily, quero apenas que saibas que não precisas de ficar envergonhada em relação ao que aconteceu ontem.

Fico eu em silêncio. *Não estava envergonhada. Nem pouco mais ou menos.*

— Esses bloqueios acontecem a toda a gente, de vez em quando. Não deveria ter-te sujeitado a tamanha pressão, sabendo como o dia já tinha sido duro para ti. Deveria ter incumbido o teu tio dessa tarefa.

Fecho os olhos. *Cá vai ela de novo.* A encobrir aquilo que não quer ver. A assumir culpas que não lhe cabem a ela assumir. *É claro* que se convenceu a si mesma de que no dia anterior eu tive um bloqueio, e que foi por isso que me recusei a falar. *É claro que foi isso que ela fez.* Quase me sinto tentada a dizer-lhe que não foi um erro. Não fiquei bloqueada. Simplesmente nada tinha de grandiloquente para dizer acerca do homem banal que ela escolheu para ser meu pai.

Porém, uma parte de mim sente-se culpada pelo que fiz, sobretudo porque se trata de algo que não deveria ter feito na presença da minha mãe, por isso limito-me a aceitar o que ela está a fazer e não digo nada.

— Obrigada, mãe. Desculpa ter ficado sem saber o que dizer.

— Está tudo bem, Lily. Olha, tenho de ir, preciso de ir à companhia de seguros. Tenho lá uma reunião marcada a propósito das apólices do teu pai. Liga-me amanhã, está bem?

— Sim, eu ligo — asseguro. — Adoro-te, mãe.

Termino a chamada e atiro o telefone para a outra ponta do sofá. Abro a caixa de sapatos que tenho no colo e retiro o que lá está. Bem no cimo está um pequeno coração em madeira. Afago-o com os dedos e recorro a noite em que me foi dado. Assim que as memórias começam a surgir, ponho-o de lado. A nostalgia é uma coisa curiosa.

Ponho de parte também algumas velhas cartas e recortes de jornal. Por baixo de tudo isso, encontro aquilo que tinha esperança de que estivesse dentro destas caixas. E que também tinha esperança de que não estivesse.

Os meus Diários da Ellen.

Passo a mão por eles. Estão nesta caixa três, mas deverá haver uns oito ou nove no total. Não li nenhum desde a última vez que escrevi neles.

Recusava-me a admitir que, quando era mais nova, mantinha um diário, por ser algo tão vulgar. Em vez disso, convenci-me a mim mesma de que o que estava a fazer até era *cool*, pois assim em bom rigor não se tratava de um diário. Cada uma das entradas era dirigida à Ellen DeGeneres, porque comecei a ver o seu programa desde que este foi para o ar pela primeira vez em 2003, quando ainda era apenas uma miúda. Via-o todos os dias depois da escola e estava convencida de que a Ellen iria adorar-me caso viesse a conhecer-me. Escrevi-lhe cartas regularmente até fazer 16 anos, mas escrevia-as da mesma maneira que alguém escreveria entradas num diário. É claro que sabia que a última coisa que a Ellen DeGeneres provavelmente queria era ler as entradas de diário de uma rapariga qualquer. Felizmente, nunca enviei nenhuma das cartas, mas ainda assim agradava-me a ideia de lhe dirigir todas as entradas, pelo que continuei a fazê-lo até ter deixado por completo de as escrever.

Abro outra caixa de sapatos e encontro mais diários. Procuo entre os diários até encontrar aquele em que escrevi quando tinha 15 anos. Abro-o, tentando encontrar o dia em que conheci o Atlas. Pouco se passava na minha vida que fosse digno de ser tema de escrita até ele passar a fazer parte dela, mas ainda assim preenchi seis diários com notas antes de ele surgir em cena.

Havia jurado que jamais voltaria a lê-los, mas com a morte do meu pai, tenho pensado bastante na minha infância. Talvez a leitura destes

diários me permita encontrar alguma força para perdoar, muito embora receie que corro o risco de acumular ainda mais ressentimentos.

Volto a recostar-me no sofá e começo a ler.

Querida Ellen,

Antes de te contar o que aconteceu hoje, tenho uma ideia mesmo boa para uma nova rubrica no teu programa. Chama-se «Ellen em casa».

Acho que muita gente iria gostar de ver-te fora do trabalho. Ponho-me sempre a imaginar como serás quando estás em casa, quando estás a sós com a Portia, e as câmaras não estão por perto. Talvez os produtores pudessem entregar-lhe uma câmara, e, de vez em quando, ela chegaria junto de ti, sorrateiramente, e surpreender-te-ia enquanto estivesse a fazer coisas normais, como ver televisão, ou cozinhar ou trabalhar no jardim. Poder-te-ia filmar durante alguns segundos sem tu saberes e depois gritaria «Ellen em casa!» a ponto de te assustar. Até é justo, tendo em conta que gostas de partidas.

OK, agora que já te contei isso (tenho querido contar-to, mas tenho-me esquecido), vou contar-te acerca do meu dia de ontem. Foi interessante, provavelmente até o mais interessante dos dias sobre os quais escrevi até hoje, isto se não contarmos com o dia em que a Abigail Ivory deu um estalo ao Prof. Carson por espreitar para o seu decote.

Lembras-te de quando, ainda não há muito tempo, te falei da Sra. Burluson, que vivia por trás de nós? Aquela que morreu durante a noite da grande tempestade de neve? O meu pai disse que ela devia tanto em impostos que a filha nem sequer conseguiu ficar com a casa. Tenho a certeza de que nem se deve ter importado muito, já que, assim como assim, a casa estava a começar a cair. Provavelmente teria sido para ela mais um fardo do que outra coisa.

A casa tem estado vazia desde que a Sra. Burluson morreu, o que aconteceu há uns dois anos. Sei que tem estado vazia porque a janela do meu quarto dá para as traseiras, e desde que me lembro não há viva alma que entre ou saia daquela casa.

Até ontem à noite.

Estava na cama a baralhar cartas. Sei que dito assim soa estranho, mas é algo que costumo fazer. Nem sequer sei jogar às cartas, mas quando os meus pais começam a discutir, baralhar cartas consegue acalmar-me e sempre é algo em que posso concentrar a minha atenção.

Seja como for, estava escuro lá fora, por isso reparei de imediato na luz. Não era muito forte, mas vinha daquela casa velha. Parecia mais a luz de

velas do que outra coisa, por isso fui até ao barracão das traseiras e encontrei os binóculos do meu pai. Tentei perceber o que ali se passava, mas não consegui distinguir fosse o que fosse. Estava demasiado escuro. Depois, dali a um bocado, a luz apagou-se.

Esta manhã, quando estava a preparar-me para a escola, vi algo a mexer-se por detrás daquela casa. Agachei-me junto à janela do meu quarto e vi alguém a esgueirar-se pela porta das traseiras. Era um homem e trazia uma mochila às costas. Olhou em redor, como que para se certificar de que ninguém o vira, e em seguida passou entre a nossa casa e a do vizinho, avançando até à paragem do autocarro.

Nunca o vira antes. Era a primeira vez que viajava no meu autocarro. Foi sentar-se lá atrás, ao passo que eu estava sentada a meio, por isso não lhe dirigi a palavra. Contudo, quando saí do autocarro, vi-o entrar na escola, pelo que deve frequentá-la.

Não faço ideia por que razão estaria a dormir naquela casa. Provavelmente não haverá ali eletricidade nem água corrente. Ainda pensei que o tivesse feito em resultado de uma aposta, mas hoje ele saiu do autocarro na mesma paragem que eu. Desceu a rua como se fosse para outro lado qualquer, mas fui a correr para o meu quarto e pus-me à espreita, junto à janela. E, claro, não tardou muito que voltasse a esgueirar-se para o interior da casa vazia.

Não sei se não deveria dizer qualquer coisa à minha mãe. Detesto intrrometer-me, pois não é nada que me diga respeito. Só que se aquele tipo não tiver para onde ir, acho que a minha mãe iria saber como ajudá-lo, já que trabalha numa escola.

Não sei. Talvez deixe passar um ou dois dias antes de dizer seja o que for, pode ser que ele volte para casa. Talvez precise apenas de estar uns dias longe dos pais. Tal qual eu gostaria de poder estar, de vez em quando.

E é tudo. Amanhã logo te conto o que aconteceu.

Lily

Querida Ellen,

Acelero a imagem quando comesas a dançar no teu programa. Costumava ver o início, quando dançavas por entre a assistência, mas agora acho isso um pouco entediante e preferia apenas ouvir-te falar. Espero que não fiques zangada com isto.

OK, consegui então descobrir quem é o tipo, e sim, ainda continua a viver ali atrás. Já se passaram dois dias e ainda não falei acerca disto a ninguém.

O nome dele é Atlas Corrigan e está no 12.º, mas é tudo o que sei a respeito dele. Perguntei à Katie quem ele era quando esta se sentou ao meu lado no autocarro. Revirou os olhos e disse-me o nome dele, mas depois acrescentou: «Não sei mais nada acerca dele, mas a verdade é que manda um pivete...» Franziu o nariz como se isso a enojasse. Quis repreendê-la e dizer-lhe que ele não tinha culpa, pois não tinha água corrente, mas em vez disso limitei-me a olhar de novo para ele. Talvez o tenha feito com demasiada insistência, pois ele apanhou-me a observá-lo.

Quando cheguei a casa, dirigi-me à minha pequena horta nas traseiras para tratar dela. Os meus rabanetes estavam prontos para ser colhidos, por isso dediquei-me a fazer isso mesmo. Os rabanetes já são a única coisa que resta na minha horta. Começa a ficar cada vez mais frio, e não há neste momento muito mais que eu possa plantar. Talvez devesse ter esperado mais uns dias para os colher, mas a verdade é que também estava ali fora por estar a ser metediga.

Quando me pus a colher os rabanetes, reparei que faltavam alguns. Pareciam ter acabado de ser arrancados. Sabia que não tinha sido eu e os meus pais nunca interferem na minha horta.

Foi então que pensei no Atlas, e que o mais provável era que tivesse sido ele. Nem sequer pensara que, uma vez que não tinha água corrente, provavelmente também não teria comida.

Entrei em minha casa e fiz duas sanduíches. Agarrei em duas garrafas de refrigerante que havia no frigorífico e num pacote de batatas fritas. Pus tudo num saco de papel e levei-o até à casa abandonada, depositando-o nas traseiras, junto à porta. Não tinha a certeza se ele me teria visto, por isso bati à porta com bastante força e regressei depois a minha casa, indo diretamente para o meu quarto. Quando cheguei junto à janela para ver se ele espreitava cá para fora, o saco já fora recolhido.

Foi assim que soube que ele estivera a observar-me. Deixa-me um pouco nervosa que ele saiba que eu sei que está ali. Não sei o que lhe direi se ele tentar falar comigo amanhã.

Lily

Querida Ellen,

Vi hoje a tua entrevista a Barack Obama, o candidato presidencial. Isso não te deixa nervosa? Entrevistar pessoas que poderão um dia vir a governar todo o país? Não percebo grande coisa de política, mas não me parece que conseguisse ser espirituosa quando submetida a esse tipo de pressão.

Tanta coisa que nos aconteceu a ambas. Tu acabaste de entrevistar alguém que poderá vir a ser o nosso próximo presidente e eu ando a alimentar um rapaz sem-abrigo.

Esta manhã, quando cheguei à paragem do autocarro, o Atlas já lá estava. Primeiro começámos por ser só nós dois e, não vou mentir, a verdade é que foi uma sensação embaraçosa. Conseguia ver o autocarro a aproximar-se e só desejava que andasse um pouco mais depressa. Precisamente na altura em que o autocarro se deteve, o Atlas deu um passo na minha direção, aproximou-se e, sem sequer olhar para cima, disse «Obrigado».

As portas do autocarro abriram-se e ele deixou-me entrar primeiro. Não respondi «De nada» porque fiquei um pouco chocada com a minha reação. A voz dele provocou-me um calafrio, Ellen.

Alguma vez a voz de um rapaz te provocou semelhante coisa?

Oh, espera lá. Desculpa. Alguma vez a voz de uma rapariga provocou isso em ti?

A caminho da escola não se sentou junto a mim nem nada que se parecesse, mas na viagem de regresso foi o último a entrar no autocarro. Não havia assentos disponíveis, mas pelo modo como percorreu com o olhar todas as pessoas naquele autocarro percebi que não estava à procura de um lugar vazio. Estava à minha procura.

Quando os nossos olhares se cruzaram, baixei o meu com toda a rapidez. Detesto o facto de não ser muito confiante no que toca a rapazes. Talvez seja algo que venha a alterar-se quando por fim fizer 16 anos.

Sentou-se ao meu lado e pousou a mochila entre as pernas. Foi então que me dei conta daquilo que a Katie dissera. Na verdade, o cheiro dele não era agradável, mas não me pus a fazer julgamentos por causa disso.

Começou por não dizer nada, mas não parava de mexer com o dedo num buraco que tinha nas calças de ganga. Não era o tipo de rasgão que se faz para dar mais estilo às calças. Consegui perceber que se tratava de um buraco genuíno, por as suas calças serem velhas. Com efeito, pareciam até ser um pouco pequenas para ele, já que os tornozelos estavam à vista. No entanto, ele era magro o suficiente para de resto elas lhe assentarem bem.

— Disseste a alguém? — perguntou-me.

Olhei para ele quando disse aquilo, e ele olhou-me de volta com ar de quem estava preocupado. Era a primeira vez que olhava bem para ele. O seu cabelo era castanho escuro, mas pensei que, se o lavasse, talvez não parecesse tão escuro como naquele momento parecia. Os olhos eram claros, ao contrário

de tudo o resto nele. Olhos bem azuis, como os de um husky siberiano. Não deveria comparar os olhos dele aos de um cão, mas foi essa a primeira coisa que me passou pela cabeça quando os vi.

Abanei a cabeça e voltei a direccionar o olhar para a janela. Achei que, naquele momento, ele poderia levantar-se e tentar encontrar outro lugar, uma vez que lhe respondera que não dissera nada a ninguém, mas não o fez. O autocarro foi fazendo algumas paragens, e o facto de ele continuar sentado ao meu lado deu-me alguma coragem, pelo que, com a voz num sussurro, lhe perguntei:

— Por que razão não vives em casa dos teus pais?

Fitou-me durante alguns segundos, como se estivesse a tentar decidir se iria ou não poder confiar em mim. Em seguida, respondeu:

— Porque eles não me querem lá.

Foi nessa altura que se levantou. Pensei que o chateara, mas foi então que me apercebi de que se levantara por termos chegado à nossa paragem. Agarrei nas minhas coisas e saí do autocarro atrás dele. Desta vez, nem sequer tentou esconder para onde se dirigia, tal como costumava fazer. Normalmente descia a rua e contornava o quarteirão, de modo a não ser visto quando entrava na parte de trás do meu pátio das traseiras. Hoje, porém, acompanhou-me até minha casa.

Quando chegámos onde eu viraria para entrar em casa e ele seguiria em frente, ambos nos detivemos. Com o pé, pôs-se a afastar a terra do chão e olhou para trás de mim, na direcção da minha casa.

— A que horas chegam os teus pais a casa?

— Por volta das 17 horas — respondi. Eram então 15h45.

Acenou com a cabeça e pareceu-me que iria dizer mais alguma coisa, mas não o fez. Limitou-se a mover de novo a cabeça e começou a andar na direcção daquela casa sem comida, nem electricidade, nem água.

Ellen, sei bem que aquilo que fiz a seguir foi estúpido, por isso não precisas de mo dizer. Chamei-o pelo nome e, quando este se deteve e olhou para trás, declarei:

— Se te despachares, podes tomar um duche antes de eles voltarem para casa.

O meu coração estava a bater rapidamente, pois tinha perfeita noção da confusão em que estaria metida se os meus pais regressassem a casa e encontrassem um tipo sem-abrigo a tomar banho. O mais provável era matarem-me. Só que era incapaz de ficar a vê-lo regressar àquela sua casa sem lhe oferecer qualquer coisa.

Olhou novamente para o chão, e senti na minha própria barriga o embaraço que lhe tinha causado. Nem sequer acenou com a cabeça, limitando-se a seguir-me até ao interior da casa, sem dizer uma palavra que fosse.

Fiquei em pânico durante o tempo todo em que ele esteve a tomar duche. Não parava de olhar através da janela, a ver se via o carro do meu pai ou da minha mãe, muito embora soubesse que ainda iria passar uma boa hora antes de regressarem a casa. Estava nervosa por algum dos vizinhos poder tê-lo visto entrar em minha casa, mas na verdade nenhum deles me conhecia suficientemente bem para achar que eu ter visitas fosse algo fora do normal.

Dei ao Atlas uma muda de roupa, e sabia que não só ele precisava de estar fora dali de casa quando os meus pais chegassem, como também deveria estar longe dali de casa. Tenho a certeza de que o meu pai reconheceria as suas próprias roupas num qualquer adolescente que por ali andasse na vizinhança.

Enquanto ia olhando através da janela e verificando o relógio, ia enchendo uma das minhas mochilas velhas com coisas. Comida que não precisasse de ser guardada no frigorífico, duas t-shirts do meu pai, um par de calças de ganga que iriam provavelmente ser dois números acima das suas e ficar demasiado grandes, bem como um par de meias.

Estava a correr o fecho da mochila quando ele surgiu no hall.

Tinha razão. Mesmo assim molhado, consegui aperceber-me de que o seu cabelo era mais claro do que parecera antes. Fazia os olhos parecerem ainda mais azuis.

Deve ter feito a barba enquanto tomava banho, porque parecia agora mais novo do que antes de se ter metido debaixo do chuveiro. Engoli em seco e baixei o olhar, pousando-o sobre a mochila, pois fiquei chocada com a diferença que um banho fizera por ele. Tive medo de que ele fosse capaz de ler os pensamentos que estavam escritos na expressão do meu rosto.

Olhei através da janela uma vez mais e entreguei-lhe a mochila.

— Talvez queiras sair pela porta das traseiras, para que ninguém te veja.

Recebeu a mochila das minhas mãos e deteve-se a fitar a minha cara durante alguns instantes.

— Como é que te chamas? — quis saber quando pôs a mochila ao ombro.

— Lily.

Sorriu. Era a primeira vez que sorrira para mim e nesse momento tive um pensamento terrível e fútil. Questionei-me como alguém com um sorriso tão bonito poderia ter uns pais tão merdosos. Censurei-me de imediato por ter tido um pensamento daqueles, pois é claro que os pais deverão gostar dos

filhos independentemente de quão bonitos ou feios, magros ou gordos, espertos ou estúpidos são. Só que por vezes não conseguimos controlar o rumo que os nossos pensamentos tomam. Temos simplesmente de nos treinar para não voltar a seguir por esse caminho.

Estendeu a mão e declarou:

— Sou o Atlas.

— Eu sei — respondi, sem lhe apertar a mão. Nem sei por que razão não lhe apertei a mão. Não foi por ter medo de lhe tocar. Quero dizer, tinha medo de lhe tocar, mas não por me achar melhor do que ele. A verdade é que ele me deixava bastante nervosa.

Recolheu a mão e acenou com a cabeça, dizendo então em seguida:

— Bem, acho que é melhor ir andando.

Dei um passo para o lado para ele poder passar. Apontou para lá da cozinha, perguntando-me desse modo se era por ali que se ia dar à porta das traseiras. Assenti e segui atrás dele enquanto este avançava pelo hall. Quando chegou junto da porta das traseiras, reparei que durante um segundo, ao ver o meu quarto, fez uma pausa.

De repente fiquei envergonhada por ele estar a ver o meu quarto. Nunca ninguém olha para o meu quarto, por isso nunca senti necessidade de lhe dar um aspeto menos adolescente. Continuo a ter a mesma colcha e as cortinas cor-de-rosa de quando tinha 12 anos. Pela primeira vez tive vontade de arrancar o meu póster do Adam Brody.

O Atlas não pareceu importar-se com a decoração do meu quarto. Limitou-se a olhar na direção da janela, a tal que dá para o quintal das traseiras, voltando depois a olhar para mim. Mesmo antes de sair pela porta das traseiras disse ainda:

— Obrigado por não seres uma pessoa desdenhosa, Lily.

E saiu porta fora.

É claro que já antes ouvira a palavra «desdenhosa», mas foi estranho ouvi-la saída da boca de um adolescente. Mais estranho ainda era o facto de tudo o que dizia respeito ao Atlas parecer tão contraditório. Como é que um tipo que é obviamente humilde, tem boas maneiras e usa palavras como «desdenhosa» acaba por ficar sem-abrigo? Como é que um adolescente se transforma num sem-abrigo?

Preciso de descobrir isso, Ellen.

Vou descobrir o que aconteceu com ele. Vais ver!

Lily

**UMA HISTÓRIA DE AMOR, SUPERAÇÃO E CORAGEM
QUE JÁ APAIXONOU MILHÕES DE LEITORES EM TODO O MUNDO
AGORA NUMA EDIÇÃO ESPECIAL E LIMITADA
COM UMA ENTREVISTA EXCLUSIVA A COLLEEN HOOVER
E À SUA MÃE, VANNOY**

Lily tem 25 anos. Acaba de se mudar para Boston, pronta para começar uma nova vida e encontrar finalmente a felicidade. No terraço de um edifício, onde se refugia para pensar, conhece o homem dos seus sonhos: Ryle. Um neurocirurgião. Bonito. Inteligente. Perfeito. Todas as peças começam a encaixar-se.

Mas Ryle tem um segredo. Um passado que não conta a ninguém, nem mesmo a Lily. Existe dentro dele um turbilhão que faz Lily recordar-se do seu pai e das coisas que este fazia à sua mãe, mascaradas de amor e sucedidas por pedidos de desculpa.

Será Lily capaz de perceber os sinais antes que seja demasiado tarde?

Terá força para interromper o ciclo?

**«COM UM ENREDO EMOCIONANTE E VERDADES DOLOROSAS,
ESTE LIVRO ILUSTRA DE UMA FORMA PODEROSA
A DEVASTAÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA,
ASSIM COMO A FORÇA DE QUEM LHE SOBREVIVE.»**

KIRKUS REVIEWS



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897871009



9 789897 871009 >